

REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA (COLONIALISTA E NACIONALISTA) AFRICANA

Donizete Rodrigues *

Introdução

Até meados da década de 70, Glyn Daniel(1975) era praticamente o único interessado na história geral da Arqueologia. O motivo desse trabalho solitário era que muitos consideravam a Arqueologia como uma ciência em desenvolvimento e a sua história não merecia ainda grandes atenções.

A partir dessa época, embora baseadas num critério regional, surgem algumas obras dedicadas ao tema, como, por exemplo, as de Willey & Sabloff(1974, edição ampliada em 1980) e Klindt-Jensen(1975), enfocando respectivamente a Arqueologia americana e escandinava.

A história da Arqueologia Africana, por sua vez, já havia sido abordada em inúmeros artigos; no entanto, a grande maioria é de natureza regionalista e descritiva e não trata adequadamente o desenvolvimento dessa disciplina num contexto mais amplo. O livro editado por P. Robertshaw, *A History of African Archaeology*(1990; 378 páginas), vem finalmente preencher essa lacuna de maneira notável e, com uma extensa bibliografia(52 pp.), pode ser considerado a principal fonte de informação sobre o passado da Arqueologia no Continente Africano.

A obra *A History of African Archaeology* é dividida em três partes principais:

I - A primeira parte, composta de nove artigos, aborda o desenvolvimento da Arqueologia Africana, dividido por regiões e períodos cronológicos.

- "Estudos arqueológicos das origens humanas e pré-história na África"(J. Gowlett).

"O desenvolvimento da Arqueologia na África Oriental"(P. Robertshaw).

"Tecendo a trama das pesquisas sobre a Idade da Pedra na África Meridional"(J. Deacon); "História oculta: Arqueologia da Idade do Ferro na África Meridional"(M. Hall).

- "Estudo arqueológico do Quaternário recente no Horn da África"(S. Brandt & R. Fattovich).

- "Fases e facies na Arqueologia da África Central"(P. de Maret).

- "Arqueologia na África Ocidental anglófona"(F. Kense); "Paradigmas, objetivos e métodos em mudança na Arqueologia da África Ocidental francófona"(P. de Barros).

- "Soldados e burocratas: a história antiga da Arqueologia Pré-Histórica no Magrebe"(P. Sheppard).

II A segunda parte é composta por três "personal memoirs". Enquanto os artigos de T. Shaw e P. Shinnie são realmente depoimentos pessoais, o de D. Clark extrapola uma retrospectiva autobiográfica(já publicada em 1986), dando sua visão pessoal sobre a história da Arqueologia Africana.

III - A última parte do livro, composta de cinco artigos, trata das relações entre a Arqueologia e as disciplinas afins e situa o desenvolvimento da Arqueologia Africana no contexto mundial.

- "Egiptologia e Arqueologia: uma perspectiva africana"(O'Connor).

- "Tradições orais, Arqueologia e História: uma pequena reflexão histórica"(P. Schmidt).

"O estudo da arte rupestre na África"(W. Davis).

"Arqueologia Africana Ocidental: colonialismo e nacionalismo"(A. Holl).

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

- "A história da Arqueologia Africana em perspectiva mundial"(B. Trigger).

Embora baseados num critério regional, esses autores situam o tema dentro de um contexto mais amplo, que envolve não só as mudanças de tendências na Antropologia e na Arqueologia européias e norte-americanas, mas também as particularidades sócio-econômicas e políticas de cada país africano no decorrer deste século. Esses dois fatores influenciaram de forma significativa o desenvolvimento da Arqueologia Africana.

Um tema bastante explorado nesta obra é a complexa interrelação entre teoria/centro e prática/periferia, propagada pela ideologia ocidental, segundo a qual o *centro*(Europa e Estados Unidos) é o "mundo civilizado", onde há o debate teórico, a formação e a divulgação do conhecimento científico. A *periferia*(África) é o "mundo não civilizado", onde não há história escrita e habitado por povos "primitivos" com mentalidades pré-lógicas. Os pesquisadores da área *core* trabalham na área periférica, colocando a teoria(Evolucionismo, Difusionismo, Funcionalismo) em prática, sendo os resultados das pesquisas utilizados para estimular novas teorias ou revisar as já existentes.

Outro tema tratado por todos os autores, onde os conceitos de teoria/centro e prática/periferia estão embutidos, é o contexto sócio-político no qual a Arqueologia Africana se desenvolveu, pois ninguém poderá negar o tremendo impacto provocado pelo Colonialismo e pelo Nacionalismo no desenvolvimento dos estudos arqueológicos, etnográficos e históricos na África. Tanto no Colonialismo como no Nacionalismo, o conhecimento científico era, e ainda é, utilizado para fundamentar as idéias político-ideológicas correntes.

Arqueologia Colonialista

No período colonialista havia uma manipulação político-ideológica do conhecimento antropológico e arqueológico para a legitimação da prática colonial. A meta era "conhecer para melhor dominar", o que ilus-

tra a tradicional convergência entre saber e poder.

Para facilitar e justificar a dominação, os colonizadores brancos, baseando-se nos estudos etnológicos que eles próprios estimularam, criaram vários estereótipos do negro africano, considerando-o como uma "criança-adulta" e dotado de uma cultura primitiva, pervertida e estática(Leclerc, 1972; Gallo, 1988).

Os missionários, por sua vez, contribuíram de forma significativa com o Colonialismo. Segundo Kabengele(1986), "a evangelização prestou grandes serviços à colonização... e contribuiu eficazmente para destruir seus valores espirituais e culturais autênticos, com o pretexto de que eram pagãos"(p. 24-25). Assim, "em total desrespeito e flagrante violação à religião dos africanos, a preocupação cristã consistia em salvar as almas e deixar os corpos morrerem!"(p. 15-16).

A Arqueologia Colonialista, conceituada por Trigger(1984), da mesma forma que a Antropologia, considerava as culturas africanas como estáticas e incapazes de se auto-desenvolverem nos tempos pré-coloniais. A África era, portanto, vista como um museu vivo extremamente importante para compreender o passado primitivo do Homem.

As pesquisas arqueológicas desse período eram essencialmente direcionadas para o problema da indústria lítica nas diferentes regiões do continente. Esta preocupação refletia a posição colonialista da época, que estimulava as investigações sobre a "Idade da Pedra" a fim de caracterizar as culturas africanas como extremamente primitivas e, assim, justificar a dominação da minoria branca(alienígena) sobre a maioria negra(autóctone).

A Arqueologia Colonialista, para explicar os (inconvenientes) achados arqueológicos que testemunhavam a presença de culturas altamente complexas, apoiava-se na teoria do Difusionismo para afirmar que os grandes avanços culturais da África, ocorridos no período pré-colonial, foram provocados por "antigos colonizadores brancos" vindos do Oriente-Próximo e da Europa. Eram culturas desenvolvidas se impondo sobre o substrato cultural primitivo africano - essa explicação podia ser simples, mas era útil.

Arqueologia Nacionalista

A Segunda Guerra Mundial foi um marco importante no processo de descolonização/libertação e na formação do movimento nacionalista africano (Kabengele, 1983, 1986).

Na década de 60, o movimento nacionalista começa a estimular a recuperação e revalorização do passado e das culturas da África. Os grandes projetos interdisciplinares - envolvendo arqueólogos, antropólogos e historiadores - centram seus esforços nos estudos de civilizações e impérios africanos, com organizações políticas complexas e com desenvolvimentos autônomos, para contrapor à idéia colonialista da "África selvagem".

A Arqueologia Africana, agora denominada nacionalista (Trigger, 1984), passa a enfatizar os estudos do passado mais recente em detrimento do Período da "Idade da Pedra" e, em particular, os vestígios que confirmam as conquistas políticas e culturais das civilizações africanas, agora com o apoio dos métodos de datação.

Os resultados desse trabalho interdisciplinar criaram uma imagem mais positiva da história pré-colonial africana e, conseqüentemente, reforçaram o processo de descolonização/libertação.

Por outro lado, e sem uma estreita relação com o Nacionalismo africano, intensificam-se as descobertas e os estudos de fósseis hominídeos e artefatos associados. A importância desses vestígios atraía pesquisadores de diferentes partes do Mundo, que viam na África a oportunidade de compreender melhor a evolução biológica e cultural da Humanidade.

Nesta mesma época, surgia nos Estados Unidos uma New Archaeology (ou Arqueologia Processual) inspirada no Evolucionismo, Funcionalismo e na Ecologia Cultural com novas perspectivas teórico-metodológicas e preocupada com o estudo de padrão de comportamento cultural de sociedades vivas, em contextos que podem fornecer informações úteis para a interpretação e ex-

plicação dos dados arqueológicos, ou seja, na formulação de modelos e aplicação de analogias etnográficas (Binford, 1962, 1989).

A Arqueologia Processual americana introduz então novas perspectivas etnoarqueológicas na África, abrangendo estudos sobre evolução humana, sistemas de adaptação, cultura material e, particularmente, sobre o modo de vida de grupos caçadores-coletores (Lee & DeVore, 1968). Além disso, por rejeitar a teoria do Difusionismo e enfatizar as mudanças dentro dos sistemas sócio-culturais, a Nova Arqueologia dá sustentação aos "modelos de desenvolvimento autônomo" defendidos pela Arqueologia Nacionalista Africana.

Considerações Finais

Vimos que a pesquisa arqueológica e não só ela - foi moldada para servir aos interesses tanto do Colonialismo como do Nacionalismo africano. Para finalizar, é conveniente refletir um pouco sobre o papel da Arqueologia como prática ideológica, tema tão caro ao grupo de arqueólogos, liderado por Hodder (1986), que representa a jovem Arqueologia pós-Processual da "Escola de Cambridge" (Miller & Tilley, 1984; Shanks & Tilley, 1987a, 1987b).

Considerando que o conhecimento do passado é utilizado frequentemente como forma de poder, dominação e controle, a Arqueologia, como instrumento de investigação a serviço da ideologia dominante, enfatiza determinados aspectos do passado para apoiar os interesses e legitimar a dominação colonialista ou a libertação nacionalista.

Conforme ficou claro no decorrer deste ensaio bibliográfico, a Arqueologia não é um estudo passivo das culturas do passado. Assim, dificilmente será neutra e autônoma, pois opera dentro de um contexto sócio-cultural mais amplo e desempenha um papel ativo nos processos de mudanças sociais.

Referências bibliográficas

- BINFORD, Lewis. Archaeology as Anthropology. *American Antiquity*, 28(2): 217-227, 1962.
- BINFORD, Lewis. *Debating Archaeology*. San Diego, Academic Press, 1989.
- CLARK, Desmond. Archaeological retrospect. *Antiquity*, 60: 179-188, 1986.
- DANIEL, Glyn. *A Hundred and Fifty Years of Archaeology*. London, Duckworth, 1975.
- GALLO, Donato. *Antropologia e Colonialismo: o saber português*. Lisboa, Edição Heptágono, 1988.
- HODDER, Ian. *Reading the Past: current approaches to Archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.
- KABENGELE, Munanga. Antropologia Africana: mito ou realidade?. *Revista de Antropologia*, (26): 151-160, 1983.
- KABENGELE, Munanga. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo, Editora Ática, 1986.
- KLINDT-JENSEN, O. *A History of Scandinavian Archaeology*. London, Thames & Hudson, 1975.
- LECLERC, Gérard. *Anthropologie et Colonialisme: essai sur l'histoire de l'africanisme*. Paris, Fayard, 1972.
- LEE, R.B. & DEVORE, I.(eds). *Man the Hunter*. Chicago, Aldine, 1968.
- MILLER, Daniel & TILLEY, Christopher(eds). *Ideology, Power and Prehistory*. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.
- ROBERTSHAW, Peter(ed). *A History of African Archaeology*. London, James Currey, 1990.
- SHANKS, Michael & TILLEY, Christopher. *Social Theory and Archaeology*. Albuquerque, University of New Mexico Press, 1987a.
- SHANKS, Michael & TILLEY, Christopher. *Re-Constructing Archaeology: theory and practice*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987b.
- TRIGGER, Bruce. Alternative Archaeologies: nationalist, colonialist, imperialist. *Mun*(n.s.), 19: 355-370, 1984.
- WILLEY, Gordon & SABLÖFF, Jeremy. *A History of American Archaeology*. New York, Freedman and Company, 1980.

Recebido para publicação em 30 de outubro de 1991.